

Sarney se despede do governo como entrou, chorando

Mário Rosa

BRASÍLIA — O governo Sarney começou e terminou sob lágrimas. Em abril de 1985, ao receber a notícia de que Tancredo Neves havia falecido, o presidente José Sarney trancou-se com sua mulher, Marly, em um quarto do Palácio do Jaburu, em Brasília, e chorou. Ontem à noite, depois de seu último dia de trabalho na presidência, ele também não se conteve. Olhos rasos d'água, mãos trêmulas, Sarney desabafou na presença de poucos auxiliares que estavam em seu gabinete: "Eu sou humano e a emoção de sair é muito forte. A partir de amanhã, começo uma nova vida".

As últimas 24 horas de Sarney como o número 1 do poder começaram com entusiasmo. Por volta de 1h da madrugada, terminou a redação de seu pronunciamento à nação, levado ao ar em cadeia nacional à noite. Às 2h, depois de jantar com dois de seus três filhos — Fernando e Roseana — se recolheu em seu sítio São José do Pericumã. Acordaria cinco horas mais tarde. "Levante, estamos atrasados", disse, ao pé da cama de Fernando, às 7h30, já vestido com um jaquetão azul, gravata listada de vermelho e bege. Após tomar café com leite, acompanhado de queijo, mamão e laranja, Sarney saiu pela última vez de casa para trabalhar um expediente inteiro como presidente. "Hoje vai ser um dia apertado", previu.

Do Pericumã, seguiu de helicóptero para a Base Aérea de Brasília, onde recebeu uma homenagem, ganhou um caneco de chope e uma carta aeronáutica atestando que somou mil horas de voo em seus cinco anos de governo. Em seguida, rumou para o Palácio do Planalto, onde assinou, logo ao chegar, cerca de 100 decretos de exoneração dos auxiliares mais próximos. Assinou também o decreto de demissão de seus 23 ministros. "Agora, estou saindo do sol e estou indo para a face oculta da Lua", comentou, com bom humor.

Na parte da manhã, Sarney recebeu um curioso levantamento elaborado por sua assessoria, informando que lhe escreveram 773.260 cartas, esteve presente a 4.110 refeições oficiais no Palácio da Alvorada e fez 14.292 ligações telefônicas para transmitir suas ordens. Pela pesquisa, descobre-se que os sucessivos chefes do Gabinete Civil foram os que mais despacharam com Sarney: 2.137 reuniões de trabalho, quatro vezes mais do que o total de despachos com os ministros da Fazenda e 15 vezes mais do que os encontros com o ministro da Aeronáutica.

Antes de ir almoçar, no próprio Planalto, Sarney se deteve sobre suas últimas obrigações protocolares e abriu espaço para a gravação de seu pronunciamento na TV, assistido por uma pequena platéia de auxiliares - um deles chorou ao ouvir as palavras do presidente ao longo dos 14 minutos de duração do discurso. No mais, Sarney funcionou como

uma espécie de curiosidade turística, exceto por alguns breves minutos, quando recebeu a visita do ex-primeiro ministro japonês Noburo Takashita. Posou para fotografias, deu autógrafos, escreveu bilhetes de despedida e ganhou dezenas de presentes. Dois deles, o tocaram: uma gravura adquirida por seus assessores no Paraguai e quatro exemplares em espanhol de seu livro, *O norte das Águas*, oferecido por seu secretário particular, Augusto Marzagão.

Durante o almoço, Sarney parecia bem-humorado. Ladeado pelo ex-governador Seixas Dória, o presidente que sai comandou uma mesa composta por Marzagão, Luiz Roberto Ponte, chefe do Gabinete Civil, Bayma Denis, do Gabinete Militar, e dois ajudantes-de-ordens. Entre as muitas piadas contadas por Sarney, algumas picantes, uma foi sobre náutica, narrada pelo presidente com ares de conhecedor. "Somente a Normandia possui uma maré tão alta quanto a do Maranhão, que é de 7,40 metros", disse.

De volta ao gabinete, acabou recebendo o ex-candidato do PPB à presidência da República Antônio Pedreira, que amargou um *chá de cadeira* de mais de cinco horas. Pedreira entrou com dois envelopes pardos nas mãos e saiu com a fisionomia satisfeita. Do lado de fora, Roseana e Fernando Sarney confabulavam com Marzagão e Luiz Roberto Ponte. "Estamos lisos", disse Roseana, referindo-se ao feriado bancário. "O papai poderia pelo menos ter-nos avisado. Mamãe ficou furiosa", acrescentou a filha do presidente.

Interrompida apenas para uma breve cerimônia, de criação da Fundação Odilo Costa Filho, a tarde de Sarney foi entre amigos. "Vim aqui agradecer, pois não tenho do que reclamar do presidente", dizia o governador biônico de Roraima, Romero Jucá, candidato a uma vaga ao Senado em outubro próximo. "Eu também não", acrescentou Nelson Proença, secretário de Ação Comunitária. Os dois só pararam de conversar quando chegou o governador de Minas Gerais, Newton Cardoso. "Construí 5000 quilômetros de rodovias com o dinheiro do Sarney", vangloriava-se Newton, que ficou poucos minutos com o presidente — o suficiente para convidá-lo para uma visita a Minas daqui a dois meses.

O último compromisso do dia ocorreu às 17h, quando Sarney recebeu os cumprimentos das delegações estrangeiras no Brasil. "Vamos preparar as mãos", comentava o ministro Bayma Denis, que nessa solenidade fica ao lado do presidente para receber apertos de mão. Antes de retornar ao gabinete, passou pelo comitê de imprensa do Planalto. "Não quero ser esquecido", disse Sarney aos jornalistas, assumindo uma posição inversa à de seu antecessor, João Figueiredo, que disse justamente o oposto antes de entregar o cargo.



Sarney, acompanhado do general Bayma Denis (E), despede-se de seus pilotos

Lembrança do "terremoto"

■ O governo do presidente José Sarney termina hoje, mas deixa as recordações das tentativas fracassadas de baixar a inflação. Pensando nisso, a arquiteta Cynthia Costa Reis Tucci, 31 anos, criou a camiseta do fim do governo com a inscrição: Eu sobrevivi ao governo Sarney. Cynthia se inspirou numa camiseta lançada ano passado quando ocorreu o terremoto de São Francisco, na Califórnia. Na época, criou-se a frase: Eu sobrevivi ao terremoto. "O governo Sarney foi o terremoto brasileiro", afirma Cynthia, eleitora de Mário Covas e de Lula nas últimas eleições. Ela só espera não ter de criar outra camiseta parecida no fim dos próximos cinco anos. "Quero criar uma camiseta dizendo: eu vivi no governo Collor", espera Cynthia. A atriz Rosamaria Murtinho já comprou a sua camiseta e promete usá-la com o maior prazer.



Brasília — Zaca Feitosa

Sarney vai ser recebido em São Luís com festa

Israel Tabak

SÃO LUÍS — "O homem que reconstruiu o Maranhão". "O mais democrata de todos os presidentes". Estas duas faixas afixadas nas proximidades do Aeroporto Tirirical nesta capital simbolizam o espírito de dezenas de outras faixas espalhadas pela cidade e que vão recepcionar hoje o presidente José Sarney na sua volta para casa. Ao se ler as faixas tem-se a impressão de que se não fosse a grande ajuda que deu ao seu estado e o fato das liberdades democráticas terem sido respeitadas no seu governo, Sarney não teria muito mais porque ser lembrado.

Hoje às 14h, ao voltar a ilha de São Luís, Sarney — considerado um presidente provinciano — retorna, de fato, à política da província. Um palanque armado na praça em frente ao aeroporto o aguarda. Foi num palanque parecido na mesma praça que o senador João Castelo (PRN), inimigo político de Sarney e candidato a governador, recebeu o presidente eleito, Fernando Collor no último sábado perante 5 mil pessoas.

Agora, os amigos de Sarney querem a praça bem mais cheia. O governador Epitácio Gafeteira decretou ponto facultativo para hoje e os motoristas de táxi e empresários de ônibus franquearam suas conduções à população. Do interior virão delegações de 30 municípios em 50 ônibus. Ontem, dezenas de carros de som, convocavam os maranhenses para recepcionar o presidente. Enquanto líderes locais faziam o mesmo apelo pelas emissoras de televisão.

Ao voltar para a política de sua província, Sarney terá de se engajar com toda a força na campanha para governador do seu filho, o deputado Sarney Filho (PFL), que aparece com apenas 10% nas pesquisas contra 55% de João Castelo. Para assumir o comando do seu grupo e da campanha, Sarney construiu um anexo com escritório e sala de reuniões em sua casa na Praia do Calhau.

Sarney desembarca hoje em São Luís acompanhado pelo governador e por alguns colaboradores do seu governo, como o senador Edson Lobão (PFL) e os ministros Vicente Fialho, das Minas e Energia, e José Reinaldo Tavares, dos Transportes. Depois do palanque, ele vai percorrer o centro da cidade até chegar a sua casa no Calhau. De onde partirá, provavelmente ainda hoje, para a casa de veraneio na sua ilha, Curupu.